

PORTFÓLIO
Projeto Elas por elas
(2019)

Realizado na EMEF Gal. Paulo Carneiro Thomaz Alves

Professora Proponente: Marília Carvalho

São Paulo

2020

projeto elas por elas

No começo de 2018 quando eu e mais algumas professoras recém chegadas naquela escola insistíamos em discutir sobre assédio e violências raciais e de gênero, um grupo de estudantes dos 7º e 8ºs anos nos procurou com a necessidade de ter um espaço para conversar sobre questões que as incomodavam, como o assédio na escola e na rua e outras diferenças que vinham percebendo que as afetavam por serem meninas, mulheres.

Dessas conversas informais surgiu a ideia de formarmos um grupo de meninas, que teve sua fase embrionária naquele mesmo ano, com aproximadamente seis estudantes e quatro professoras que se alternavam nos encontros. O grupo teve início em junho com duração até novembro e, por começar no final do semestre, período em que tanto professoras quanto estudantes já tinham muitos compromissos anteriores, tivemos dificuldade de conciliar agendas e horários, tornando esporádicos os encontros que a princípio seriam semanais, e com uma rotatividade na frequência das estudantes, dificultando a continuidade das ações e discussões que iniciávamos.

Encontro aberto...
meninos e mulheres!
Que nossa
vida não seja
repleta de
silências!
Atenhe sonnar!!!

Sexta-feira 10/08/2018
12:00hs - Sala 10

Encontro
de
Meninas
e
Mulheres
Próxima
Sexta → 10/08/2018
Sala 10
às 12:00

ENCONTRO
de MENINAS
e MULHERES
SEXTA 10
AGOSTO
12H - Sala 10
TODAS CONVIDADAS!

Mujeres y chicas
— VIERNES, 12:00h A 13:00h (MEDIO-DÍA A UNA).
DIEZ (10)
DE AGOSTO
"SOFRIDA PERO NO ME KAHLO"
SALA 10

Imagens 1, 2, 3 e 4. Cartazes de divulgação dos primeiros encontros do grupo, feitos por professoras e estudantes, 2018. Fonte: arquivo pessoal.

Em 2019, apesar de infelizmente não contar mais com a parceria das outras três professoras que saíram da escola, o grupo foi formalizado como projeto levando o nome *Elas por elas* e o objetivo de criar um espaço seguro de troca, mediação e escuta sobre temas de interesse das estudantes e incentivar o apoio mútuo e solidariedade entre elas, além de propor a pesquisa e produção artística voltada para a visibilidade e intervenção visual relacionadas às questões e ideias levantadas pelo grupo consideradas pertinentes para o amadurecimento e sensibilização da comunidade escolar (vide anexo).

Começamos em março, com um grupo composto por oito estudantes entre 11 e 14 anos, levantando temas e assuntos que gostaríamos de discutir e como poderíamos agir sobre eles. Além da questão relativa ao assédio e ao machismo que elas traziam de imediato, vieram falas que refletiam os efeitos que recaem sobre a maioria das mulheres por viverem em um mundo patriarcal e racista: insegurança e baixa autoestima, competitividade entre as mulheres, dificuldade em aceitar o próprio corpo e busca por se encaixar nos padrões de beleza, violências diversas, relacionamentos afetivos, julgamentos e tratamentos diferentes que recebem pelo fato de serem mulheres.

Logo no primeiro encontro foi possível entender então que nosso trabalho não seria apenas pensar juntas formas de enfrentar e lidar com as opressões vividas em nossos contextos comuns, mas como trabalhar internamente seus efeitos para se fortalecer e fortalecer o laço entre elas, entre nós.

Os encontros do projeto aconteciam uma vez por semana, no horário entre os turnos escolares da manhã e da tarde (12h às 13h30). Tivemos ao todo trinta e sete encontros, também com oscilação da frequência e número de participantes, com duas estudantes assíduas e muito ativas durante todo o processo. Tínhamos uma sala fixa em que nos encontrávamos, mas utilizávamos diversos outros espaços da escola como pátios, quadra e, sobretudo no segundo semestre, nos reuníamos principalmente no banheiro feminino.

De início, percebi uma grande necessidade das meninas em falar sobre o que pensavam e sentiam, sobre suas histórias e suas vidas. Tive dúvidas de como conduzir tais momentos sem restringir esse espaço importante de troca, que afinal era um dos objetivos do grupo, e ao mesmo tempo garantir que a fala não fosse monopolizada por aquelas que estavam mais à vontade para falar e não limitar nossos encontros a um grupo de desabafo, sem sair do lugar.

Notei também que havia uma ansiedade minha em buscar soluções, materializar e dar visibilidade às questões discutidas, como se aquilo que estava acontecendo não fosse suficiente. Contradições que a prática nos faz confrontar. Elas pareciam estar bem apenas se reconhecendo nas histórias umas das outras, estranhando como outras lidavam com situações parecidas e, embora o tempo sempre parecesse pouco, não existia pressa.

Aos poucos, elas mesmas foram indicando vontades e caminhos para seguirmos. Alguns desses caminhos nos fizeram patinar por semanas, outros nos levaram a lugares imprevisíveis e houve ainda aqueles que exigiram de mim algum direcionamento. Ainda que meu esforço constante estivesse voltado, antes de mais nada, para o espaço de voz, confiança e autonomia entre todas as participantes do grupo e

para as decisões coletivas, é evidente que, como professora, eu tinha outras responsabilidades e ocupava um lugar que deveria ser propositivo, mediador e sensível para equalizar desejos e necessidades dentro dos nossos possíveis.

Então havia dias em que os corpos precisam se movimentar e outros em que era preciso parar tudo para discutirmos nossos pontos de vista sobre casos polêmicos, como o da acusação de estupro do Neymar¹ e sobre as ideias subentendidas a respeito do posicionamento da mídia e da opinião pública sobre esse assunto. Assim, os encontros se alternavam entre jogos teatrais como forma de estreitar a aproximação, os laços e a confiança entre o grupo; experimentações com dança e também de percepção espacial para explorar a forma como nosso corpo ocupa cotidianamente o espaço escolar e como nos relacionamos com esse espaço; conversas e mais conversas sobre os variados assuntos, como sexualidade, memória, família, polêmicas, escola e assim por diante; produções artísticas e intervenções visuais que fizemos na escola como forma não só de dar visibilidade às nossas conversas, mas também de ressignificar os espaços de uso cotidiano, que serão detalhadas mais adiante.

Apesar de ter sido formalizado no papel com um planejamento que enfatizava a produção e pesquisa artística, é nítido que o projeto envolveu uma diversidade grande de temas e abordagens, que também foi sendo revista e reinventada ao longo do ano. A questão central do assédio que motivou um grupo de meninas a procurar apoio para se organizarem em 2018 mostrou-se como a ponta visível de um *iceberg*, uma porta de acesso para algumas adolescentes ao debate público sobre as questões de gênero, sexualidade, identidade, liberdade, lutas e direitos das mulheres. E com isso não estou dizendo que foi a partir da formação do grupo que elas tiveram acesso a tais debates, mas que aparentemente a partir da experiência comum acerca do assédio e do abuso, presente nas vidas das meninas e mulheres desde cedo, se tornou possível estreitar esta aproximação.

Em 2018, eu e uma das professoras que integrava o grupo na época tentamos realizar um encontro sobre sexualidade aberto a todas as meninas da escola, convidando uma especialista em saúde da mulher, autocuidados e sexualidade. Fomos advertidas pela coordenação pedagógica de que seria prudente ter uma professora de ciências junto, alegando que havia um histórico de problemas no passado com algum evento com o mesmo tema, em que familiares que tiveram suas filhas expostas a algum debate semelhante, e por isso o encontro não se realizou. Essa advertência se repetiu no ano seguinte, quando pude contar com o apoio de uma professora de ciências nova na escola e menos conservadora na abordagem do tema para a construção de um novo encontro sobre sexualidade. Realizamos um encontro modesto e com baixa adesão, apesar do grande interesse de muitas meninas que não puderam participar por conta do horário e que me procuravam depois perguntando quando teria outro.

¹ Em 2019, o jogador de futebol Neymar foi acusado de estupro pela modelo Najila Trindade, quando ela o visitou em Paris após trocar mensagens íntimas com jogador. O caso ganhou grande repercussão na mídia. Nas salas de aula, a maioria saiu em defesa do jogador, inocentando-o e ao mesmo tempo julgando a modelo sob o discurso de que ela estava se “oferecendo”. Em agosto do mesmo ano, o caso foi arquivado por falta de provas.



Imagem 5. Encontro do projeto *Elas por elas*: experimentação do espaço e do corpo, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

antes de me formar em arte, também sou uma mulher. E nunca soube ou achei que saberia todas as respostas para todas as perguntas que as adolescentes tinham, mas sabia que juntas sempre poderíamos ir atrás de saber.

Foram diversas as atividades desenvolvidas pelo grupo ao longo do ano, como encontros com o grupo *Meninas Mulheres*, da Emef Ary Gomes, escola municipal próxima a nossa, em que assistimos e em seguida discutimos sobre o documentário *Lute como uma menina!*, sobre a atuação das meninas as ocupações nas escolas estaduais em 2015.



Imagens 6 e 7. Encontro do projeto *Elas por elas* com o grupo *Meninas Mulheres* da Emef Ary Gomes, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

² Referência ao poema “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, de Luís de Camões (1595, p. 31).

mural das mulheres cansadas

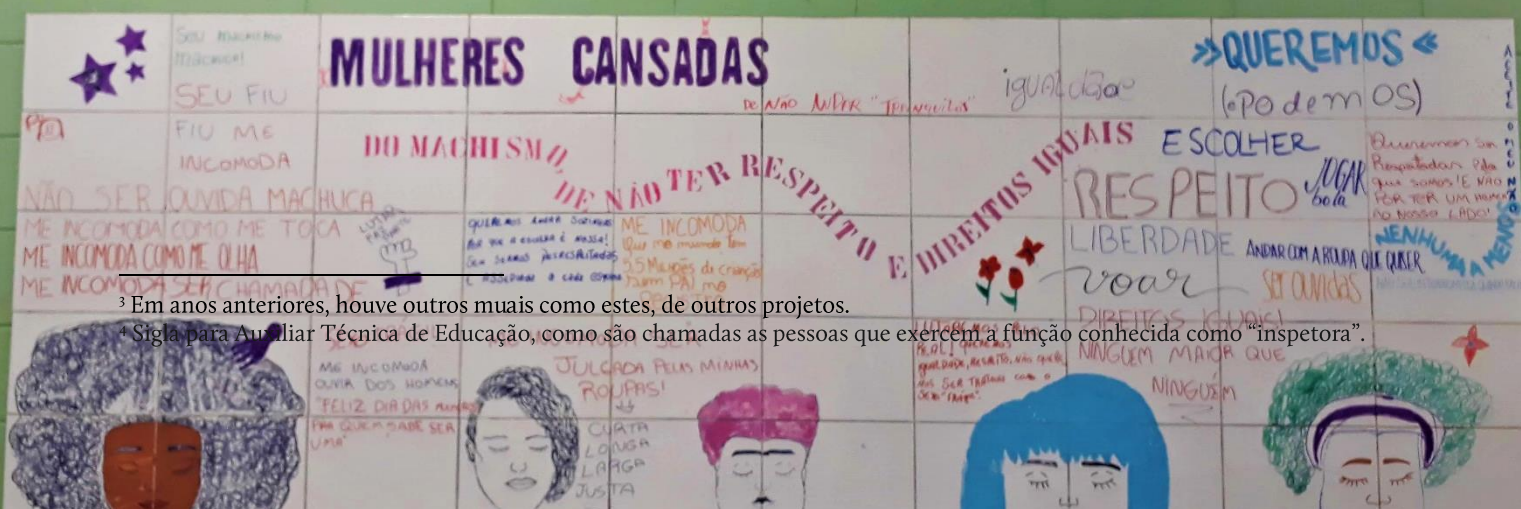
Decidimos realizar um mural coletivo que seria atualizado ao longo do ano. Em um dos primeiros encontros em que discutíamos sobre o mural, uma das integrantes do grupo sugeriu o nome Mulheres Cansadas, que era como a maioria estava se sentindo naquele momento, e o nome permaneceu no mural e passou a ser o codinome do grupo.

As ideias iniciais acerca do que colocar no mural estavam bastante confusas e dispersas, e uma das estudantes sugeriu que escolhêssemos temas e que trocássemos os temas periodicamente. Todas concordamos e definimos *machismo* como o primeiro tema, considerando que algumas delas pareciam entender machismo como sinônimo de assédio, talvez por ser a face mais visível e debatida publicamente.

A área destinada ao mural, previamente autorizada pela coordenação sob a condição de deveria acontecer sob minha orientação e que o conteúdo deveria passar pelo meu *crivo*, foi dividida visualmente em duas partes: metade do mural seria destinada a escrever frases machistas ouvidas com frequência por mulheres ou ações que nos incomodam e a outra metade, a escrever o que queremos.

O encontro semanal do projeto acabava no horário em que se iniciava o turno da tarde e que as crianças do Ensino Fundamental I subiam para suas salas de aula. Como sempre passávamos do nosso horário e estávamos num lugar estratégico de passagem, as crianças sempre paravam para ver e perguntar o que estávamos fazendo e algumas até contribuíram com a pintura de uma estrelinha em um canto. Elas pareciam surpresas e admiradas com o fato de estarmos escrevendo na parede. Aquilo parecia bastante subversivo, não fosse pelo fato de que a tinta das canetas usadas sobre o azulejo era facilmente removida com álcool. De toda forma, aquele uso do material e do espaço da escola, da parede, era provavelmente novo para muitas delas também novas na escola³.

A interação com outras mulheres que trabalhavam na escola também foi muito interessante. Paravam para olhar, se aproximavam, pedíamos sugestões do que elas acrescentariam ali e houve uma ATE⁴ que contribuiu com o registro no mural do número da delegacia da mulher, 180. Ao longo do semestre, mais de uma vez cruzei com outra professora no caminho que apontava para onde estava escrito “mulheres cansadas” e dizia: “essa sou eu!”.



³ Em anos anteriores, houve outros muais como estes, de outros projetos.

⁴ Sigla para Auxiliar Técnica de Educação, como são chamadas as pessoas que exercem a função conhecida como “inspetora”.

Ao retomarmos as atividades no segundo semestre, após o recesso escolar, ficou bastante evidente o apagamento visual que a escola instituiu para que nova etapa seja iniciada, da estaca zero, novamente do “neutro”, do nulo. Com exceção do nosso mural, das marcas cotidianas de uso e dos pequenos comunicados sobre não correr nas escadas, nada mais sobreviveu. Algumas meninas recordaram que houve um ano em que um mural de outro projeto que participavam foi apagado sem nenhuma comunicação prévia e não sabemos por que daquela vez ele permaneceu ali. Esse ocorrido serviu para discutir com elas sobre memória e apagamento, sobre nossa relação com aquele espaço, o que levamos dele e o que nele deixamos. Fizemos pequenas intervenções com *post-its* e giz registrando de forma efêmera algumas dessas memórias.

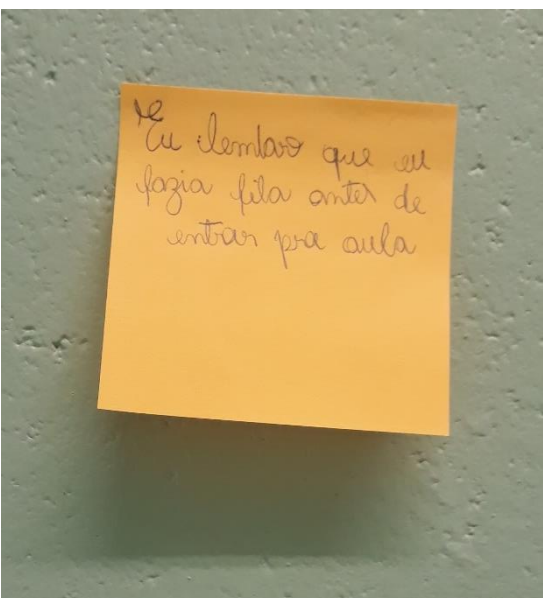


Imagem 9. Intervenção das estudantes sobre suas memórias da escola, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 10. Estudantes registrando suas memórias nos espaços da escola, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

O mural já estava bastante gasto e decidimos recriá-lo. Discutindo sobre um novo tema, percebi que nossas conversas estavam na maioria das vezes centradas nas relações com homens. Então sugeri que falássemos um pouco sobre mulheres. Não é um problema em si falar sobre homens, principalmente se era uma demanda delas sempre voltarmos a tópicos relativos a machismo, assédio e relacionamentos. No entanto, como identifiquei lá no início, havia a necessidade de olhar também para si e entender a afirmação, através de exemplos positivos, como uma forma de se fortalecer.

Decidimos fazer o novo mural sobre a história dos direitos das mulheres no Brasil, depois de abandonarmos a ideia de desenhos e frases de mulheres admiráveis. Para começar, perguntei quem eram

as mulheres que elas admiravam. Uma das meninas respondeu “nenhuma”, mas soube listar pelo menos cinco homens quando mudei a pergunta, entre eles alguns professores. Outras citaram cantoras, atrizes, professoras, mães e ativistas feministas. Mas ficou latente como era difícil (re)conhecer as mulheres.

Começamos a pesquisar sobre mulheres e levantar nomes que gostaríamos de ver na parede da escola. Levei diversos livros com histórias de *grandes mulheres*, consideradas incríveis⁵ por seus feitos. Insisti que não se tratava de abrir um dos livros numa página aleatória e escolher quem ali estivesse representada, até porque o fato de uma mulher ter sido selecionada para compor um livro de *mulheres incríveis* por alguém que a considera incrível não faz dela incontestavelmente incrível, ainda mais quando figuras como Princesa Isabel estavam entre elas.



Imagem 11. Elaboração do mural, 1º semestre de 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 12. Elaboração do mural, 2º semestre de 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

⁵ A este respeito, ver: CAVALLO, Francesca; FAVILLI, Elena. Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes. São Paulo: Vergara & Riba, 2017./ARRAES, Jarid. Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis. São Paulo: Pólen, 2017/ THOMÉ, Debora. 50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer. Rio de Janeiro: Galera Record, 2017.

Discutimos sobre as pessoas e ocupações invisíveis e situações em que nós mesmas nos sentimos invisíveis em um dos encontros. Percebi que reconhecer as lutas diárias e atividades menosprezadas no nosso dia-a-dia não é antagônico ao conhecimento e o reconhecimento da história daquelas que antes de nós queimaram, desobedeceram, discordaram, insistiram, inventaram, mataram e morreram. Pelo contrário, era necessário ter forma, cor e corpo além da invisibilidade e do silêncio.

Em "Mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas", bell hooks (2019) critica a tendência de algumas teóricas negras em tratar a experiência da mulher negra como um "paradigma monolítico", frequentemente partilhado como uma experiência negativa que reflete a "realidade autêntica" da mulher negra e insiste na ideia da complexidade das sujeitas por assumirem múltiplas posições. Embora a autora reconheça que a dor esteja latente na trajetória da maioria das mulheres negras e que seja difícil para elas construir uma subjetividade radical dentro do patriarcado capitalista supremacista branco, ela enfatiza que "amar quem somos começa com a compreensão das forças que produziram quaisquer hostilidades que sentimos em relação à negritude e a ser mulher, mas também significa aprender novas formas de pensar sobre nós mesmas" (hooks, 2019a, p. 65). É nesse sentido que hooks destaca a importância de saber da existência de outras companheiras e aprender com suas estratégias de resistência e com seus erros, afirmando que isso não pode acontecer de forma isolada: "saber que Chisholm⁶ reivindicou seu direito à subjetividade sem pedir desculpas me inspira a manter a coragem" (hooks, 2019a, p. 62).

Talvez a reserva com a adjetivação *incrível* dos livros de história de mulheres seja o fato de virarem mercadorias e o discurso de "empoderamento" passar por um novo nicho mercadológico que, antes de tudo, segue empoderando sempre e mais o capital. De toda forma, isso não tira a importância de conhecermos as histórias de mulheres que foram grandes no que fizeram não como forma de aspirar uma autorrealização igualmente grandiosa, mas como demanda coletiva por autodefinir-se (hooks, 2019a, p. 60). Na perspectiva de hooks enquanto mulher negra, autodefinir-se passa por desafiar as convenções atribuídas aos papéis de gênero e assumir o trabalho de dar voz e escrever sobre sua experiência, para que ela seja ouvida por uma ótica não moldada pela dominação. (hooks, 2019b, p. 305)

Assim, depois de lermos e discutirmos sobre algumas mulheres, a necessidade de decidir quais e porque homenagear fez o grupo preferir mudar o tema do mural para a história da conquista dos direitos das mulheres no Brasil. Com isso, tínhamos um recorte espacial mais definido, mas ainda era preciso fazer escolhas. Resolvemos que seriam vinte o número de direitos que caberiam expostos no mural. Lemos juntas e discutimos algumas pesquisas com marcos dos direitos das mulheres no Brasil, organizados cronologicamente, e elas escolheram aqueles que julgaram mais importantes, dentre eles o fato de que em

⁶ Shirley Chisholm foi a primeira congressista negra dos Estados Unidos, publicou sua autobiografia *Unbought and Unbossed* (Incomprável e incomandável) em 1970, defendia os direitos reprodutivos, o aborto e a necessidade da educação crítica para ajudar a erradicar o racismo internalizado (hooks, 2019a).

1827, através da Lei Geral de Ensino⁷, as mulheres adquiriram o direito à educação e em 1879⁸ passaram a poder cursar o ensino superior. Sobre este aspecto era fundamental não esquecermos que nas duas datas o Brasil ainda era um país escravagista, o que significa que não foram todas as mulheres que se beneficiaram desses direitos. Mais que isso, significa que as mulheres brancas tiveram acesso à educação e formação superior inclusive antes dos homens negros.

É importante ressaltar aqui que esta história do direito *das mulheres* se refere a uma parcela das mulheres, enquanto outras parcelas permaneceram (e permanecem) sem acesso a esses mesmos direitos por boa parte da história. Portanto, é compreensível que, ao contrário de bell hooks (2019a), muitas mulheres negras não se identifiquem com o termo feminismo, comumente associado a uma luta principalmente de mulheres brancas de classe média. Não é objetivo aqui aprofundar o debate acerca dos usos, disputas e recusas em relação aos feminismos em pauta atualmente, mas evidenciar como a história é construída sob pontos de vista, marcando de modos distintos as subjetividades de acordo com suas localizações sociais e, assim como a dominação masculina, a escolarização e tantos outros aspectos sociais, afeta de modos diferentes a experiência das mulheres negras.

Talvez eu tenha problematizado demais todas as escolhas do grupo relativas ao mural. Avalio que principalmente pela demora para concretizá-lo, a distância entre os encontros e, com isso, a percepção de que um encontro por semana era pouco tempo para dar conta de todas as coisas que gostaríamos de fazer, mais alguns dois ou três encontros consecutivos discutindo, pesquisando e mudando de ideia sem de fato riscar a parede e colocar a mão na massa, o mural acabou se tornando uma tarefa a cumprir, cansativa e que não estava envolvendo mais as meninas. Por semanas, a parede ficou com frases incompletas e avançamos muito lentamente. Depois de aproximadamente um mês, já em poucas, decidimos juntas que não fazia sentido insistir numa coisa que não estava dando ânimo em fazer e optamos por apagar o que já havia sido feito até ali.

Desistir de algo em que vínhamos nos empenhando há algum tempo não foi uma tarefa simples, talvez mais para mim do que para as estudantes. Entendia o mural como uma forma de comunicar à escola nossa existência, deixar as ideias circulando ali e conviver visualmente com algo que destoava do consenso das imagens dóceis que em geral predominam naquele ambiente. Ainda que, como uma das coordenadoras pedagógicas escreveu na devolutiva da avaliação semestral do projeto, o mural fosse um pouco confuso e talvez tivesse cara de inacabado durante todo o tempo em que estive ali; ou que nem todas as pessoas parassem para olhá-lo com atenção e entendessem as mensagens objetivas que estavam postas ali sobre

⁷“A Constituição de 1824 (art. 178/32) contém a afirmação: “A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos”. Esta determinação foi regulamentada no ano de 1827, através da Lei Geral do Ensino, de 15 de Outubro, primeiro dispositivo legal a regular a instrução pública nacional. Definiu, para o ensino das primeiras letras (ensino primário), currículo e escolas diferenciadas, de acordo com o sexo da criança: devia-se ensinar, aos meninos, ler, escrever, contar, as quatro operações e noções de Geometria. Para as meninas, devia-se ensinar ler, escrever, contar, as quatro operações e bordado e costura.” (CARRA, 2019, p. 553)

⁸ “Importante lembrar que, legalmente, apenas a partir de 1879, foi permitido o ingresso feminino nas instituições de ensino superior. O fim do obstáculo legal não extinguiu a cultura de que, às mulheres, não era necessária uma educação transcendente. Além da resistência social, as jovens que ambicionaram este nível de ensino tiveram que enfrentar, entre outros obstáculos, o fato de que sua educação não tinha como objetivo o preparo para os exames previstos para o acesso aos cursos superiores.” (CARRA, 2019, p. 559)

como incomoda quando interrompem nossa fala ou quando nos tocam sem nossa permissão., o subtexto de conviver com as letras, cores, desenhos e ideias das meninas na parede estava presente e não podia passar despercebido, mesmo sem ser mencionado ou elaborado. Mas enfim, foi importante reconhecer que as coisas duram um tempo e que abrir mão faz parte do fazer e criar coletivamente.

Ao longo do primeiro semestre, três estudantes haviam deixado o projeto e outras duas se somaram a nós. Durante esse processo de discussão e pesquisa sobre o mural, logo no início do segundo semestre, quatro estudantes deixaram de frequentar o projeto por razões distintas ou sem razão aparente. Em

algumas conversas, entendi que os interesses podiam ter mudado. Considero ainda que a mudança do foco, voltado agora para nós, mulheres, coincidentemente associada a algumas brigas e desavenças entre elas, pode ter feito com que outras estudantes se distanciassem do grupo. Terminamos o ano com uma média de quatro estudantes participando dos encontros e ações, às vezes mais, às vezes menos. Seguimos.



Imagem 13. Encontro em que escolhemos o nome “mulheres cansadas” para o mural, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

dizem as portas dos banheiros

A segunda intervenção que fizemos foi nas portas do banheiro feminino. Desde 2018, quando uma das estudantes mais ativas e interessadas em discutir e realizar ações com o grupo me contou chateada que seu nome havia sido pixado na porta do banheiro seguido do adjetivo “puta”, passamos a analisar e discutir, ao longo dos nossos encontros, sobre o que acontecia ali naquele espaço restrito, frequentado apenas pelas estudantes e pelas trabalhadoras da limpeza.

O banheiro escapa com muito mais facilidade do olhar vigilante que controla a maioria dos espaços da escola. É lá que estudantes muitas vezes se escondem para matar aula, para se encontrar com a amiga da outra sala durante a aula, para fugir de alguma brincadeira com meninos, já que eles não podem entrar. O banheiro é um lugar de fuga e basta uma palavra ou um gesto para que uma menina seja autorizada a deixar a sala de aula sem ser (muito) questionada sobre a veracidade de suas palavras: professoras minimamente sensíveis sabem que mulheres menstruam e eventualmente precisam ir ao banheiro por isso. De toda forma, a necessidade de ir ao banheiro não deveria ser passível de questionamento nem

sequer de autorização, ainda que não seja verdadeira, que seja uma desculpa para respirar fora daquele espaço pequeno, fechado e barulhento que é uma sala de aula. Mas é assim que é.

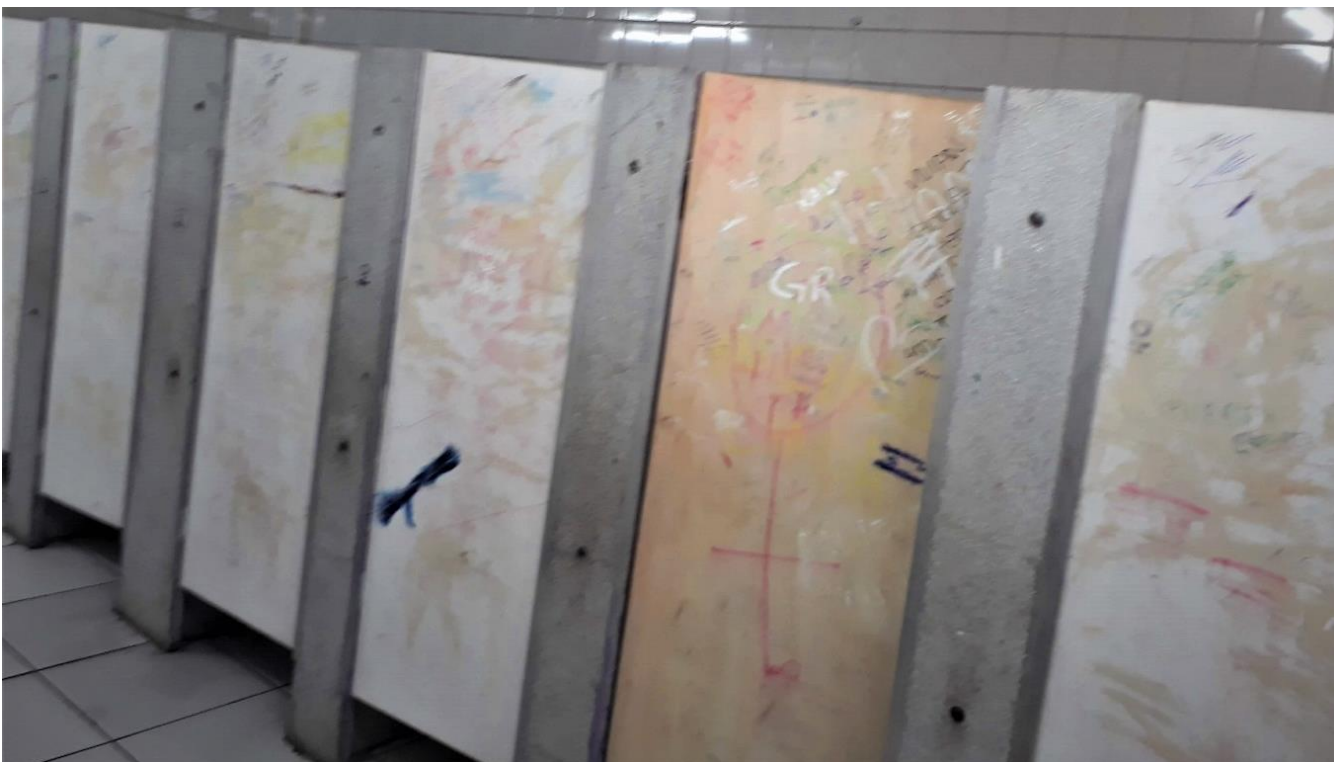


Imagem 14. Portas do banheiro feminino. Foto: Marília Carvalho

É nesse mesmo espaço aparentemente seguro e mais ou menos livre do controle das autoridades que as estudantes usam as portas dos banheiros como murais onde trocam insultos e ofensas, selam a amizade com nomes de grupos de amigas dentro de corações, deixam declarações de amor para meninos que não entram lá e até no lado de dentro das portas, na parte mais privada possível de frente pra privada propriamente dita, algumas confissões, tristezas e autodepreciações.

O que chamou mais a atenção ao adentrar aquele espaço ao qual eu não pertencia e que até então eu não havia estado antes foi principalmente o teor dos xingamentos e ofensas que giravam, principalmente, em torno de disputas por “machos”. Em 2019, retornamos ao banheiro para discutir sobre as portas. Decidimos intervir nelas com mensagens que provocassem as meninas que usam aquele espaço a pensarem sobre as imagens que têm de si e que têm umas das outras e a refletirem a respeito das cobranças que recaem sobre seus corpos, principalmente na idade em que passam por tantas transformações, sujeitando adolescentes a duras autodepreciações, comparações e competições, em que diminuir a outras funciona como sinônimo de se afirmar ou disputar espaço e “macho”.

Como nos lembra hooks, a disputa está enraizada na socialização das mulheres pelo pensamento patriarcal que nos ensina a nos vermos como inimigas, como ameaças, como adversárias, julgando e punindo duramente umas às outras, e a enxergarmos “a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio” (hooks, 2018, p. 29). Para a autora, ao incentivar que deixássemos

de ver a nós e nossos corpos como propriedade masculina, o movimento feminista pode fundamentar a solidariedade política entre as mulheres como forma de enfraquecer o sexismo e preparar o caminho para derrubar o patriarcado, caminho este condicionado, no entanto, à necessidade de eliminar a dominação de raça e classe também das relações entre mulheres (hooks, 2018). Nesta linha, Silvia Federici (2017, p. 34) em *O calibã e a bruxa*, mostra como “para as mulheres o corpo pode ser tanto uma fonte de identidade como uma prisão”, na medida em que

[...] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os trabalhadores assalariados homens: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. (FEDERICI, 2017, p. 34)

Portanto, é importante destacar que, sendo a sociedade capitalista sustentada e dependente da exploração dos corpos subjugados através de sistemas opressores como o racismo e o patriarcado, o caminho vislumbrado por bell hooks que nos levaria (levará?) à derrubada desses sistemas e à consequente ausência de dominação entre pessoas precisa ter como horizonte a destruição do capitalismo. Logo, um longo caminho em que a solidariedade precisa ser ensinada no lugar da competição e em que a formação dos indivíduos vise o aprendizado coletivo da liberdade e o abandono do auto-ódio, da subordinação e das hierarquias.

De volta ao microcosmo do nosso banheiro feminino, decidimos intervir nas portas produzindo lambes com estêncil, *post-its*, imagens e outros materiais. Fizemos isso com o aval da coordenação da escola com a condição, dado o histórico do dedo no meio nos cartazes, de que não haveria palavras nem imagens inadequadas. No primeiro semestre preenchemos duas portas e ao final do segundo semestre terminamos as outras três que faltavam. Neste intervalo de tempo, algumas meninas que não faziam parte do grupo nos perguntaram por que só fizemos duas portas e nos cobraram para que terminássemos as restantes, ao que eu sempre respondia com um chamado para que se juntassem a nós, o que não aconteceu.

Em um encontro, enquanto decidíamos sobre o que colocaríamos nas portas do banheiro e como faríamos isso, fizemos uma visita ao banheiro masculino para investigar se lá haveria iguais trocas de insultos e autodepreciações. Eu apostava que não e imaginava que seria um ótimo exemplo da diferença entre a socialização de mulheres e homens e a forma como são estabelecidas as relações de rivalidade e fraternidade. Qual não foi nossa surpresa ao constatar que não havia pixações nas portas dos banheiros masculinos porque sequer havia portas. Conjecturei sobre o significado simbólico e contrastante da possibilidade de se aceitar a ausência de portas no banheiro masculino e, conseqüentemente, expor a sexualidade e ao mesmo tempo negar a privacidade; me indaguei sobre o fato de os meninos não terem sequer suporte material para, quem sabe, se ofenderem (aparentemente, as paredes não eram uma boa opção nem no banheiro feminino). Mas me deterei ao banheiro feminino.

Perguntei às estudantes o que elas gostariam de ver nas portas do banheiro e as respostas foram consensuais na escolha por frases, imagens e ideias que estimulassem a autoestima e a autoaceitação. Mais

uma vez, tentei insistir em um planejamento e escolha coletiva e cuidadosa das frases e palavras e, mais uma vez, não funcionou muito bem, pois a ansiedade por colocar a mão na massa, usar as canetas, tintas, carimbos e estêncil que levei (a maioria, material de uso pessoal meu, é bom frisar) fala mais alto. Tivemos no primeiro semestre dois encontros de produção e criação do material que seria colado nas portas e depois três encontros para colar os lambes.

Quando insisti no planejamento e escolha anterior das frases, tinha em mente a preocupação de cairmos na repetição de frases clichês, sem uma reflexão ou apropriação crítica do que estávamos dizendo/escrevendo, o que acabou acontecendo. Entretanto, nesse ponto elas mesmas trouxeram questionamentos que fizeram com que mudássemos a perspectiva do que e como estávamos fazendo. Uma das estudantes perguntou por que escrevíamos tantos “você é linda” se ela não via isso ao se olhar no espelho. De fato, de que forma esta afirmação pode mudar a maneira como as estudantes se sentem em relação a própria imagem? Entendendo que a crítica por si só não leva à mudança, hooks argumenta que além de criticar imagens sexistas é necessário oferecer às mulheres visões alternativas de beleza (hooks, 2018, p. 49).

De todas as quatorze estudantes que passaram pelo grupo, a maioria é negra, ou não-branca, apenas uma talvez seja lida socialmente como branca e, como é de se esperar no mundo real, nenhuma delas se encaixa no padrão hegemônico de beleza amplamente fomentado pelas mídias – magra, alta, loira, cabelo liso. Como mulheres, foram socializadas pelo pensamento sexista para ter ansiedade em relação ao próprio corpo, odiar a própria imagem por não corresponder ao padrão imposto e acreditar que seu valor reside nesta imagem e em ser ou não notada por sua aparência, principalmente por homens (hooks, 2018).

Oferecer visões alternativas de beleza não podia se limitar a conhecer e reconhecer a beleza nas diversidades de corpos através de referenciais visuais destoantes dos padrões, mas em expandir a imagem que cada uma tem de si para além da aparência. Assim, outra estudante questionou o fato de a adjetivação usada na produção dos lambes se reduzir a aspectos físicos e à beleza: “por que não dizemos que as garotas são fortes e inteligentes?”. Foi aqui que mudamos o foco da pauta da autoestima para identificarmos o que cada uma faz bem, no que somos boas. Um exercício simples, mas muito difícil para a maioria de nós.

Valerie Walkerdine evidencia como garotas são habituadas a serem reconhecidas por seu esforço enquanto os meninos possuem um “potencial”, o que parece supor que, no caso das garotas, “aquilo que é visível na superfície é tudo o que existe, e que apenas os garotos têm profundezas ocultas” (1995, p. 215). A ideia da dedicação impressa no reconhecimento das meninas e mulheres sugere que apenas empenhamos a energia necessária para realizarmos algo, mas que não é o suficiente para que sejamos *boas* ou *brilhantes*, enquanto os homens tem uma capacidade guardada, anterior ao feito, que pode ou não ser aplicada, e isso não diminui seu mérito. Quando a pergunta sobre o que cada uma achava que fazia bem se voltou para mim e eu não soube o que responder de imediato, notei que em um espaço entre mulheres ninguém dá um passo sozinha. E constatei que meu discurso precisa ser coerente com minha prática (já nos disse Paulo

Freire⁹), eu também preciso saber responder a esta pergunta além de propor que as meninas pensem sobre ela.



Imagem 15. Foto panorâmica das portas do banheiro feminino, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

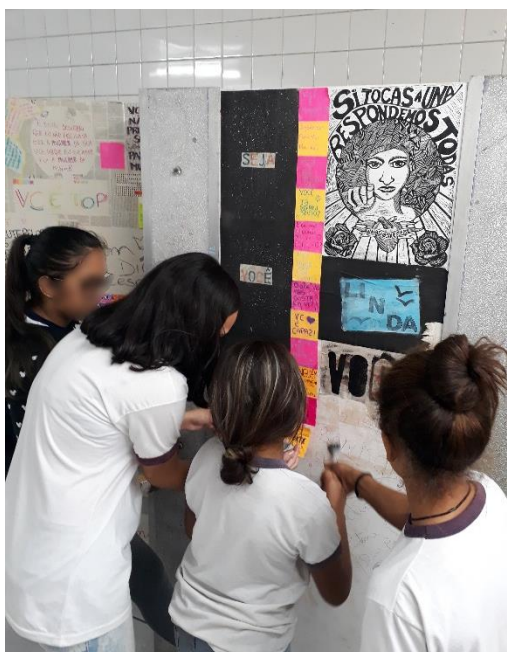
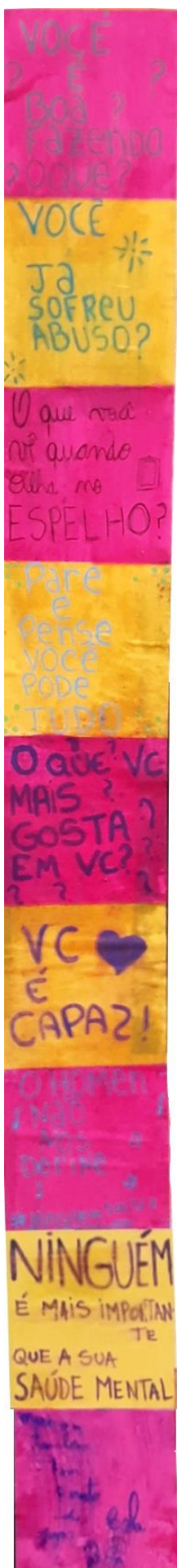


Imagem 16, 17 e 18. Produção dos lambes nas portas do banheiro, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir desta pergunta, propus às estudantes que elaborassem outras perguntas para colarem nas portas. Elas também escolheram frases e as escreveram em *post-its*. Assim duas portas foram preenchidas com perguntas, frases motivacionais, afirmações de encorajamento, imagens, desenhos e ideias sobre o que (não) define ser mulher.

⁹ “As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Este esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas virtudes indispensáveis - a da coerência.” (FREIRE, 1996, P. 65)



Ao final do segundo semestre, retomamos as intervenções nas portas do banheiro. Desta vez, elaboramos duas perguntas para fazer às meninas e mulheres da escola e fora dela e, com o compilado das respostas, cobrimos duas das portas que faltavam.

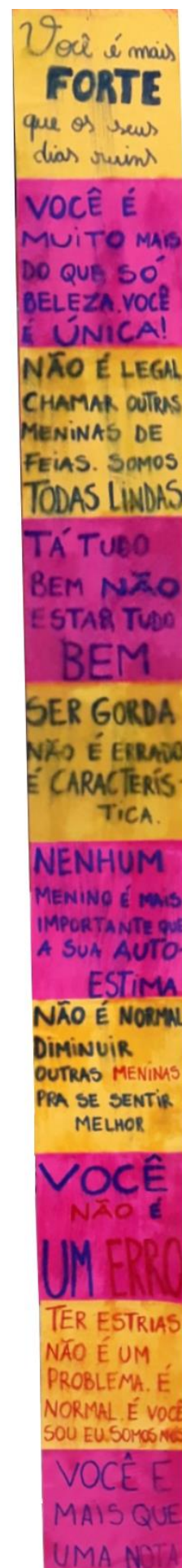
No lugar das ofensas e insultos, o que elas gostariam de ouvir? Conselhos, convites, pedidos de desculpas, elogios, reconhecimentos, incentivo, apoio moral, desejos. E para cada coisa que não nos foi dita, há várias outras que deixamos de dizer: os sapos engolidos, declarações de amor, mais pedidos de desculpa, reclamar porque nos interrompem, que nos explicam, que nos subestimam. Palavras guardadas, tomadas de empréstimo para serem lembradas. Palavras que habitavam o silêncio de cada uma e foram materializadas na escrita, coletivizadas pelas imagens.

Lançávamos as perguntas a todas que entravam no banheiro enquanto estávamos lá, que eram principalmente crianças e funcionárias da limpeza. Uma das funcionárias que sempre vinha nos expulsar do banheiro quando ultrapassávamos nosso horário nos surpreendeu ao responder que gostaria de ouvir um “muito obrigada”. E a agradecemos por isso. Uma menina de sete anos queria ouvir que sabe ler.

Dava para notar as expressões de quem buscava as respostas a fundo, olhando para si, ponderando o que poderia ou não ser partilhado, se identificando com os não-ditos que permeiam nosso dia a dia.

Na última porta deixamos um espaço vazio propondo que elogiassem outras *minas*. Não deu tempo de ver acontecendo, pois o ano acabou e logo em seguida mudei de escola, mas recebi uma mensagem de uma das estudantes que era do grupo comemorando que alguns elogios haviam sido deixados lá.

Imagem 19 e 20. Detalhes *post-its* com perguntas e frases colados nas portas do banheiro feminino, 2019.
Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.



A dinâmica do grupo para realizar as intervenções acabou tornando o espaço inóspito do banheiro em um espaço criativo, em que papéis, canetas, tesouras, pincéis e cola se espalhavam pelo chão e pelo duro banco de cimento que havia ali. Apesar de já ter colado lambes antes, foi a primeira vez que fiz a cola caseira com farinha, água e vinagre, com uma receita que peguei na internet. Quando acabou, passei a receita para as estudantes e, nas outras semanas, uma delas ficou responsável por levar a cola, e depois outra. Entendi que era uma forma de não centrar as responsabilidades do grupo em mim e de elas se apropriarem daquilo como algo que, se quisessem, poderiam fazer fora dali. No final do ano éramos poucas, cinco comigo, e, por insistência das estudantes, me assumi fazendo parte, dando ideias, escrevendo, criando e colando junto, ao contrário do que eu entendia no começo ser meu papel: apenas orientar e intervir o mínimo possível no processo criativo para deixar as coisas com a cara *delas*. No fim, ficou com a *nossa cara*.

De novo, encontrávamos com as crianças que estudavam à tarde no horário de entrada delas na escola. As meninas vinham curiosas pelo que fazíamos, respondiam nossas perguntas e chamavam as amigas para ver. Algumas não sabiam dizer no que eram boas, outras responderam rapidamente que eram boas amigas ou que corriam bem. Brincavam com água, molhavam o chão, gritavam e batiam as portas num entra e sai frenético, que devia ser a rotina delas antes de irem para as filas e das fileiras. Duas delas sempre chegavam mais cedo e ajudavam a colar, a escrever, lavar pincéis. Em alguns dias, o banheiro parecia uma festa. Às vezes colocávamos música e cantávamos enquanto colávamos os lambes, e até frases de *sofrência* sertaneja entrou como resposta para as portas: “se ele não te quer, supera”, dizia a letra. Era algo que muitas de nós precisávamos ouvir em algum momento da vida.

Percebemos, as meninas do grupo e eu, que no dia a dia ao longo do ano e no intervalo entre a intervenção das duas primeiras e as últimas portas, houve respeito pelo trabalho de um modo geral, apesar de alguns rasgos e riscos que era de se esperar. Mais presente na rotina e dinâmica diária delas, as estudantes observaram que outras meninas conversavam sobre as mensagens colocadas no banheiro, ou tiravam fotos e *selfies* em frente às portas. Uma das estudantes relatou na avaliação final do projeto que uma das imagens que mais a marcou foi a de um grupo de meninas lendo as perguntas e listando o que mais gostavam em si mesmas. Considero essa uma forma de avaliar como as mensagens visuais podem estimular as pessoas a se deslocarem de seus lugares comuns, como elas não passam despercebidas e como podem ser poderosas na produção de uma visualidade contra-hegemônica.



Imagem 21. Estudante observando intervenções nas portas do banheiro, 2019.
Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 22. Detalhe de intervenção na porta do banheiro, 2019. Foto: Andrea Giunta. Fonte: Arquivo pessoal.

No último encontro do ano, em que finalizamos as colagens dos lambes, percebi que algumas perguntas escritas estavam rabiscadas com giz de lousa. Ao retirarmos a camada de giz, logo abaixo da pergunta “você já sofreu abuso?” se revelou uma resposta, que não soubemos nem quem nem quando havia escrito, dizendo “sim e muito”. A pergunta ficou lá, ecoando, cúmplice de muitos silêncios, até que sua escrita encontrou uma interlocutora que partilhava da mesma vivência e, provavelmente, da mesma dor. Ali na porta, anônimas, elas se identificaram, se reconheceram, se fizeram saber para as outras e puderam ver que não eram a única.

As vozes não poderiam se encontrar no silêncio. Abrir espaço para fala – mesmo pequeno, mesmo anônimo – e dar visibilidade ao que estudantes querem dizer pode ser disruptivo em relação à rígida estrutura escolar, na maioria das vezes despreparada e desamparada para lidar com questões que fogem da lógica cristalizada do ensino conteudista e estritamente curricular, e que por isso, muitas vezes, se assegura em mantê-las fora do seu campo de visão e de ação.

Quando iniciamos o grupo em 2018, as outras professoras e eu nos preocupamos sobre nossa responsabilidade diante da abertura de um espaço que pretendia ser seguro para meninas falarem e sobre o que faríamos com o que fosse dito nele. Sabíamos que uma vez que estivéssemos a par de algum caso de violência ou abuso não poderíamos nos omitir¹⁰ e, ao mesmo tempo, sabíamos que lidar com eles sem conhecer a família ou as pessoas da comunidade envolvidas poderia não ser seguro. Essa preocupação não foi impeditiva para seguir com o projeto, embora tenha me acompanhado durante todo o percurso. Considerando a área de vulnerabilidade social em que nos encontrávamos, sabia que, se surgissem, cada caso seria um caso a ser tratado dentro de suas peculiaridades e que, nesse sentido, poderia contar com o apoio da coordenação e gestão da escola. No entanto, até o fim de 2019, o único caso que emergiu de forma explícita no contexto do grupo de meninas foi a confissão anônima na porta do banheiro (o que não significa que não existisse outros).

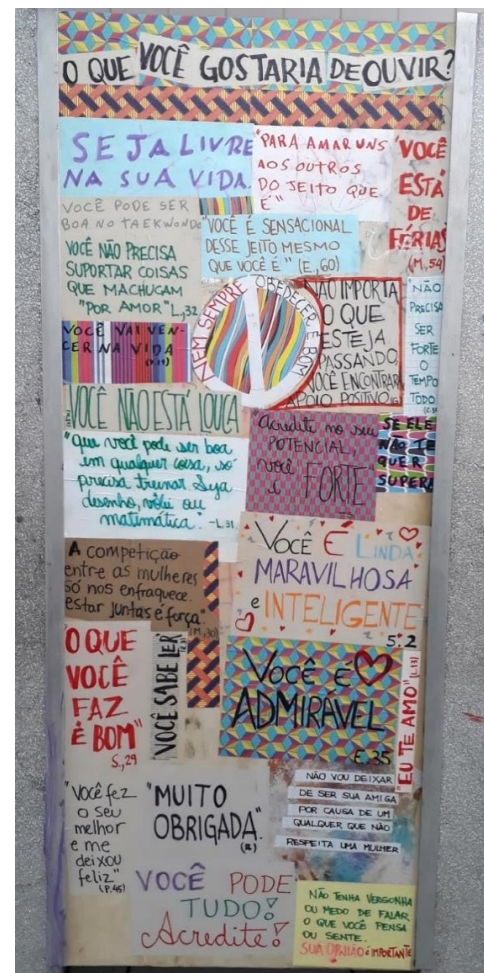
O banheiro, aparentemente um ambiente frio e hostil, se revelou mais uma vez um lugar seguro onde foi possível que essas vozes se encontrassem em suas vivências comuns. Teriam essas vozes forças para ecoar além das portas do banheiro? Provocar que as meninas reflitam que a culpa pelo abuso não é delas, que elas não precisam ficar em silêncio e que podem dizer NÃO, talvez seja um começo. Uma saída

¹⁰ De acordo com o artigo 245 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8.069/90), é responsabilidade de todo profissional da educação comunicar às autoridades competentes qualquer caso suspeito de violência ou maus-tratos contra estudantes com menos de 18 anos. No entanto, a postura que se verifica na maioria dos casos é a omissão, pela falta de formação específica do corpo docente para identificar casos de violência e/ou pelo não reconhecimento dessa tarefa como sendo de competência da escola. A este respeito, ver mais em: <https://www.direitosdacrianca.gov.br/migrados/old/migracao/temas-prioritarios/violencia-sexual/abuso-sexual/pauta-violencia-sexual-a-responsabilidade-da-escola-na-protacao-de-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 09 jun. 2020.

a princípio autônoma: escrever na porta do banheiro, ler, responder, quebrar o silêncio. Não sabemos como reverberou além disso, mas o que fazemos a seguir? Abrir espaço para a palavra carrega junto a responsabilidade com essa palavra, que não é responsabilizar-se pelo que as outras dizem, mas não deixar que falem sozinhas. Para que se encaminhe uma mudança, contudo, esta responsabilidade deve ser coletiva – e aqui refiro-me não apenas a um grupo de meninas mulheres, mas à comunidade escolar como um todo – se tivermos acordo no compromisso com uma educação que não só não silencie as vítimas como não forme mais abusadores e agressores, uma educação que visa a liberdade, e que "uma liberdade que se sustente sobre a opressão – a não-liberdade do outro – não pode ser verdadeira" (GALLO, 2007, p. 263).



Imagens 23, 24 e 25. Intervenções nas portas do banheiro feminino, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagens 26, 27 e 28. Intervenções nas portas do banheiro feminino, 2019. Foto: Marília Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal.

referências

ARRAES, Jarid. *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017

CAVALLO, Francesca; FAVILLI, Elena. *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*. São Paulo: Vergara & Riba, 2017.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GALLO, Silvio. *Pedagogia Libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo: Imaginário, 2007.

hooks, bell *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Caipolla. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2017.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

THOMÉ, Debora. *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2017.

WALKERDINE, Valerie. *O raciocínio em tempos pós-modernos*. *Educação e realidade*, 20 (2). 1995: p.207-226.